

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
18 E 25 DE Fevereiro de 2025
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL

EN RACHÂCHANT / 1982

Um filme de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Montagem e argumento: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, baseado em *Ah, Ernesto*, de Marguerite Duras / *Direção de fotografia (35 mm, preto & branco):* Henri Alekan / *Som:* Louis Hochet / *Interpretação:* Olivier Straub (*o rapaz*), Raymond Gérard (*o professor*), Nadette Thinus (*a mãe*), Bernard Thinus (*o pai*).

Produção: Straub-Huillet e o INA/Institut National de l'Audiovisuel (Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 7 minutos / *Estreia mundial:* Paris, Novembro de 1982 (Festival de Outono, cinema Le Bilboquet) / *Primeira apresentação em Portugal:* ao que se crê, no Festival da Figueira da Foz, Setembro de 1983. Primeira apresentação na Cinemateca a 17 de Novembro de 1998, no âmbito do ciclo "Straub-Huillet". Distribuição comercial em 14 de Janeiro de 2000 (Lisboa, cinema King), em complemento a **Sicília!**, de Straub-Huillet.

AVISO: Vamos apresentar **En Rachâchant** no ficheiro digital disponibilizado para esta ocasião, mas que não faz lamentavelmente justiça às características originais do filme.

En Rachâchant é apresentado com **Cézanne**, ("folha" distribuído em separado).

En rachâchant é o gerúndio do misterioso verbo *rachâcher*, cujo sentido é ao mesmo tempo múltiplo e desconhecido. Depois de abrir algum dicionário, talvez imaginário, Yann Lardeau dá-nos alguns destes sentidos, numa nota dos *Cahiers du Cinéma* sobre o filme de Straub-Huillet. A expressão significa(ria) simultaneamente "*repisar, resgatar, dizer coisas sem nexos, resmungar, saber, enfurecer-se, mastigar, assassinar*". E Lardeau acrescenta: "*é o símbolo de uma determinação que não se discute*".

O ponto de partida de **En Rachâchant** foi um conto de Marguerite Duras sobre um rapaz que não quer mais ir à escola, porque ali lhe ensinam "*coisas que ele desconhece*". O texto é de 1971. Onze anos depois, Duras bloqueou a distribuição do filme. Este foi um caso único na carreira de Straub-Huillet, que em quase todos os seus filmes tiveram de resolver questões de direitos, já que todos são baseados em textos preexistentes. Mas nunca deixaram de filmar devido a questões de direitos, preferindo resolvê-las depois do filme feito, o que sempre acabou por acontecer. No caso de **En Rachâchant**, a questão arrastou-se durante vários anos e só se resolveu depois da morte de Duras, quando a curta-metragem pôde finalmente ser distribuída como complemento de **Sicília!**, para a distribuição comercial deste filme, em 1999 (entretanto, a curta-metragem tinha sido apresentada em alguns festivais). A questão parece pouco honrosa para Marguerite Duras. Por um lado, ela própria havia reescrito e desenvolvido o seu conto para o filme **Les Enfants**, cuja realização assinou com o seu filho Jean Mascolo e com um amigo deste, Jean-Marc Turine, que durante dois anos tinham preparado um projeto para a televisão, antes que mamã-Duras se reapoderasse de tudo e decidisse fazer ela própria um filme, rodado em Julho de 1984. Duras foi processada pelos produtores de **Les Enfants** e condenada em tribunal. Quem quiser saber os pormenores desta história digna de Balzac, em que uma escritora agiu como uma merceira, pode consultar o ponto de vista do produtor de **Les Enfants**, na página XIII do *Petit Journal* do nº 376 dos *Cahiers du Cinéma*, disponível para consulta na biblioteca desta cinemateca.

Por que motivo terá Duras bloqueado a distribuição de **En Rachâchant**? É fácil deduzir que um dos motivos terá sido o medo da "concorrência" que a pequena obra-prima de Straub-Huillet faria ao telefilme que o seu filhinho preparava, mas é impossível não pensar num pormenor do filme de Straub-Huillet que a deve ter enfurecido: a dessacralização da figura de François Mitterrand, com quem ela tinha laços de amizade e de quem era ardente cortesã e que em 1982, quando o filme foi feito, ainda estava em pleno *élan* posterior à sua eleição, em plena aura do *changement* (era a palavra que mais se ouvia) que a sua eleição supostamente traria à França. Em **En Rachâchant**, quando o professor mostra ao rapaz a fotografia oficial de Mitterrand (por escolha do modelo, a fotógrafa foi Gisèle Freund!) e pergunta-lhe "*quem é?*", a resposta é "*um gajo*" (*un bonhomme*).

Deixemos de lado Marguerite Duras, a sua família, as suas contas e cálculos. **En Rachâchant** é um dos filmes mais veementes de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, um dos mais incisivos e mais diretos. Embora a "ação" seja inteiramente verbal, não fosse este um filme sobre o saber e o aprender, há aqui um eco do cinema burlesco e também do famoso diálogo socrático de **A King in New York**, de Chaplin, entre o rei sem coroa e um rapaz da idade do protagonista de **En Rachâchant**. Chaplin é uma das grandes admirações de Straub-Huillet, que o consideram como um dos maiores montadores de toda a história do cinema. Montar bem é ser preciso e **En Rachâchant** é um filme hiper-preciso. Também é subversivo de um modo muito direto: toda a autoridade do professor, institucional e intelectual, vem se espatifar contra o rosto sério e inflexível da criança, sob a incompetente arbitragem dos pais. Há a recusa do saber oficial ("*E isto, o que é? Uma bola de futebol? - É uma bola de futebol e é a Terra*"), num interrogatório quase policial, na luta entre aquilo que se quer impor e aquele que resiste, filmada de modo literal. **En Rachâchant** começa no espaço familiar de uma cozinha, passa dali para o espaço oficial e banal de uma sala de aulas e termina com o rapaz vitorioso, abrindo a porta para sair, num gesto de evidente ruptura libertadora. "*E como vais aprender alguma coisa?*", pergunta o professor vencido. "*En rachâchant*" é a resposta. A identificação dos realizadores com o jovem protagonista é óbvia. Também eles sempre filmaram *en rachâchant*. "Rachachemos", pois, mesmo sabendo que o cineasta bicéfalo que se chamava Straub-Huillet (Danièle Huillet nunca foi "a mulher" de Jean-Marie Straub, era a metade de um mesmo ser) deixou de existir no dia 9 de Outubro de 2006, quando Danièle Huillet sucumbiu a um cancro, aos setenta anos. Durante cinquenta e dois destes setenta anos, ela e Jean-Marie Straub foram inseparáveis ao ponto de formarem uma só pessoa. De modo significativo, não começaram com "*a ideia de fazer cinema e sim de fazer um filme específico*", que veio a ser **Crónica de Anna Magdalena Bach**. **En Rachâchant** é o exemplo mais sucinto, sarcástico e bem-humorado da inteligência deste par, que era, e só podia ser, impaciente diante da burrice humana. E não nos esqueçamos que Danièle Huillet teve, pelo menos uma vez na vida, literalmente a mesma atitude que o jovem protagonista desta curta-metragem. Foi em meados dos anos 50, quando se apresentou ao difícil concurso do célebre IDHEC, o Institut des Hautes Études Cinématographiques, em Paris, desde então rebatizado Fémis: "*Projetaram-nos Manèges, de Yves Allégret e disseram-nos para analisar o filme. Devolvi a minha folha em branco, à exceção de três linhas em que dizia que era escandaloso que nos mostrassem um filme de tal maneira péssimo. Talvez se visse o filme hoje talvez até o achasse divertido, Simone Signoret estava realmente boa. Mas à época fiquei indignada que pensassem que aquele filme merecesse uma análise demorada*". A melhor epígrafe da vida e do trabalho da dupla talvez seja o verso de Corneille que forma o título da sua adaptação cinematográfica de **Othon** e foi escolhida como título deste ciclo: "*Os olhos não querem estar sempre fechados*". E os quatro olhos de Straub-Huillet, que sempre estiveram bem abertos, abrem os do espectador de **En Rachâchant**. Em 1982 e hoje.

Antonio Rodrigues